

## TECNOLOGIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM LETRAS

Ione Carvalho Santos SILVA<sup>1</sup>

Ângela Francine FUZA<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste estudo é o de analisar como as tecnologias digitais estão presentes no curso de Letras, de uma universidade pública, da região norte do país. Para tal, foi aplicado um questionário aos professores em formação, com o intuito de observar, por meio de uma análise qualitativa e quantitativa, como o curso vem preparando esses sujeitos para atuarem com as tecnologias. O estudo se fundamenta em discussões sobre os letramentos digitais e a formação de professores por meio das tecnologias. Os resultados, quanto às atividades e tecnologias, empregadas no curso de Letras, apontam: (i) a leitura e os seminários como atividades mais frequentes; (ii) o texto literário como o mais lido; a resenha como o gênero mais produzido; (iii) o *Datashow* como o recurso digital mais utilizado. Destacam-se, ainda, três funções para os recursos digitais (1) para apresentação de trabalho e exposição; (2) como recurso de apoio à pesquisa; (3) como recurso para ministrar aula. A maioria dos acadêmicos relata não perceber relação entre as práticas de leitura/escrita que têm fora da academia e dentro dela. Diante do exposto, percebe-se que a temática sobre tecnologias não é foco de discussão no curso de Letras, não havendo atividades que possibilitem o aprofundamento sobre o real caráter da formação do professor por meio das tecnologias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias digitais, Professor em formação, Língua Portuguesa.

### ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how the digital technologies are present in the course of Language and Literature of a public university in the Northern region of the country. For this, in order to observe, a questionnaire was applied to the teachers-to-be, through a qualitative and quantitative analysis, how a course has been preparing these subjects to act with the technologies. The study is based on discussions about digital literacy and teacher training through technologies. The results, regarding the activities and Technologies used in the Language and Literature course, point to: (i) reading and seminars as more frequent activities; (ii) the literary text as the most read; the review as the most produced genre; (iii) the *Datashow* as the most widely used digital resource. Also, three functions for the digital resources (1) for presentation of work and exhibition are highlighted; (2) as a resource to support research; (3) as a resource for teaching. Most academics report not understanding the relationship between reading and writing practices outside and within the academy. In view of the above, it can be seen that the thematic on Technologies is not a focus of discussion in the Language and Literature course, and there are no activities that allow the deepening of the real character of the education of teacher-to-be through the technologies.

**KEYWORDS:** Digital technologies, Education of teacher-to-be, Portuguese language

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Porto Nacional – TO – Brasil. *E-mail:* ionecarvalho87@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Porto Nacional – TO – Brasil. *E-mail:* angelafuza@uft.edu.br

## 1 Introdução

Segundo Caiado e Gomes (2013), as dificuldades de se trabalhar com práticas que envolvam as tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa advêm da ausência de “formação específica para esse uso e falta de tempo para planejar essas aulas em conjunto com o responsável pelo laboratório de informática; falta de *softwares* específicos para a área de LP e falta de relatos de experiências, de atividades específicas, de pesquisas de uso das TDIC em LP” (CAIADO; GOMES, 2013, p. 13). Os autores revelam que as escolas não estão preparadas para esta nova sociedade cheia de hipertexto, *links*, portanto, há necessidade de os cursos de formação de professores refletirem sobre as condições reais do ensino contemporâneo, implantando, em seus currículos, práticas de usos de linguagens que envolvam as tecnologias, como pesquisas, desenvolvimento de aulas utilizando-as, leitura de textos que abordem os seus usos em contexto de ensino etc. Sobre isso, Reginatto (2009, p. 10) afirma que:

Entendemos que a prática de ensino nos cursos de graduação/licenciatura necessita, cada vez mais, focalizar o universo digital em seus currículos, a fim de que seja possível estabelecermos novos paradigmas acerca das atividades em aulas de língua materna (REGINATTO, 2009, p. 10).

Diante disso, esta pesquisa, resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras, objetiva analisar como as tecnologias estão presentes no curso de Letras, de uma instituição pública, de um estado da região norte do país, contribuindo para o letramento digital dos professores em formação. Fundamenta-se nas discussões sobre o letramento (STREET, 1984), o letramento digital (MANOVICH, 2011; LEMKE, 2010; BUZATO, 2007; XAVIER, 2007; BOLTER, 2002 entre outros) e o uso de tecnologias no ensino e na formação do professor, segundo os princípios teóricos da Linguística Aplicada, respaldados na perspectiva dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003).

Para a realização do estudo, foi aplicado um questionário aos graduandos do sétimo e oitavo períodos do curso de Letras, contemplando questões relativas aos usos das tecnologias no curso, que foi analisado por meio das abordagens quantitativas e qualitativas. Especificamente, a pesquisa objetiva: identificar quais as tecnologias empregadas no curso de Letras pelos professores das disciplinas; identificar quais são os gêneros discursivos mais

escritos e produzidos no curso de Letras; verificar quais as tecnologias que os professores em formação utilizam no dia a dia da universidade; evidenciar de que forma ou usos tecnológicos contribuem para o letramento digital dos professores em formação.

Dessa forma, considerando o objetivo proposto, este estudo apresenta, inicialmente, a fundamentação teórica sobre letramento digital e a formação do professor; na sequência, a metodologia da pesquisa e a análise dos dados e, por fim, a conclusão.

## 2 Letramento Digital e a formação de professores

Apesar da constante presença das tecnologias no cotidiano dos indivíduos, estudiosos afirmam que as instituições, como escolas e universidades, não estão contribuindo na formação de pessoas para o trabalho com as tecnologias digitais. Por exemplo, Rezende (2015), em pesquisa realizada no curso de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL), verificou que, assim como acontece em outros contextos,

não tem havido neste curso preocupação suficiente com formação de professores para atuarem na era digital. A apreciação do PPP diagnosticou que não há no curso disciplina específica de letramento digital ou que se atente especificamente para uso de tecnologias no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e que a estrutura do curso isola os estudos práticos dos teóricos e dão maior destaque para os teóricos [...] (REZENDE, 2015, p. 160).

Segundo Ribeiro (2012), as universidades não estão incluindo as tecnologias no processo pedagógico de aprendizagem, tanto em disciplinas, que estejam atentas para esta nova realidade de letramento, quanto em pesquisas que buscam refletir sobre novas formas de lecionar.

A respeito do conceito de letramento digital, por meio da leitura de diversos estudiosos, percebeu-se que não é possível defini-lo a partir apenas de uma perspectiva, mas, sim, de várias. Soares (2002, p. 151) o define como “certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela diferentes do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”. A autora, então, sugere que se “pluralize a palavra letramento e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes letramentos” (2002, p. 155).

Para Xavier (2011, p. 6), o letramento digital:

[...] significa o domínio pelo indivíduo de funções e ações necessárias à utilização eficiente e rápida de equipamentos dotados de tecnologia digital, tais como computadores pessoais, telefones celulares, caixas-eletrônicas de banco, tocadores e gravadores digitais, manuseio de filmadoras e afins. O letrado digital exige do sujeito modos específicos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais (XAVIER, 2011, p. 6).

O pensamento de Xavier (2011) nos faz refletir sobre as funcionalidades do uso das tecnologias em nossas práticas sociais, em uma sociedade digital, que exige modos específicos de ler e escrever os códigos e linguagens verbais e não verbais. Os meios midiáticos nos oferecem recursos dinâmicos e práticos, transformando as novas formas de nos comunicar interagir e relacionar. O sujeito letrado utiliza os mais diversificados suportes tecnológicos para enviar *e-mail*, digitar texto e usar as redes sociais. As possibilidades que as tecnologias nos oferecem são imensas por meio da interatividade, das trocas de experiências com outros países por meio de intercâmbio, tudo isso pode ser feito através da *internet* por meio de parcerias com outras instituições de outros países, contribuindo para fortalecer as metodologias de ensino e trazer resultados nos desempenhos dos estudantes.

O termo letramento digital surge emparelhado a essas necessidades práticas cotidianas, devido à era da informação, na qual vivemos, e ao avanço das tecnologias digitais, que carregam consigo as interações midiáticas que são motivadoras das necessidades de leitura e escritura na tela (GOMES; CAIADO, 2013). Sendo assim, de modo geral, o letramento digital se volta às competências necessárias para o sujeito entender e usar a informação de modo crítico, em formatos múltiplos, advindas de diferentes fontes e apresentada por meio do computador e da *internet*, por exemplo. No âmbito da docência, o professor, que é letrado digitalmente, pode proporcionar práticas de ensino que envolvam tecnologias da informação. Contudo, segundo Caiado e Gomes (2013):

[...] constatou-se que “[...] muitos docentes não possuem fluência tecnológica, seja no sentido de não saberem lidar com o computador e internet, seja no sentido de não saberem usá-la para a aprendizagem “(PACHNOWSKI; JURCYZK, 2003)”. Segundo Mason e Rennie (2008:143) a instituição escolar “[...] precisa oferecer habilidades técnicas, inclusive reservadas, ainda que a maneira mais profícua de aprender seja por prática pessoal e interação com pares” (CAIADO; GOMES, 2013, p. 11).

Esses fatores elencados parecem mostrar que o professor não está preparado para usar as tecnologias em sala de aula. Isso pode ocorrer, talvez, em função dos cursos de formação não prepararem esses profissionais para usar as tecnologias adequadamente, portanto, os professores acabam tendo dificuldades de trazer novas metodologias cibernéticas.

Rezende (2015), ao constatar a ausência do trabalho com questões voltadas ao letramento digital no curso de Letras, sugere que os cursos de formação sejam “revistos e reestruturados, uma vez que não há como conceber o ensino e formar professores para a atualidade pautando-nos em conteúdos estanques aplicando teorias rigorosamente” (REZENDE, 2015, p. 162).

Os discursos atuais da Língua Portuguesa exigem que o professor de português tenha novas habilidades, que o ensino seja pensado na perspectiva midiática através do ensino colaborativo e de autonomia, reconhecendo a importância do letramento digital no processo didático. Conforme Nogueira, Oliveira e Souza (2013), “a formação docente é primordial para o bom desempenho de sua prática, associando os recursos didáticos pedagógicos e tecnológicos ao conteúdo” (NOGUEIRA; OLIVEIRA; SOUZA, 2013, p. 6).

O sujeito letrado digitalmente domina práticas de uso da escrita e da oralidade ligadas ao meio digital, por exemplo, sacar dinheiro do caixa eletrônico, usar os programas do computador para as mais diversificadas funções, transferir documento para o *pen-drive* etc. As maneiras de ler se alteram com a existência das tecnologias, exigindo do leitor novas habilidades de leitura por meio de linguagens verbais e não verbais, imagens; são necessários novos conhecimentos prévios, a fim de interpretar os novos discursos.

As universidades tentam implantar em seus cursos de formação de futuros professores práticas pedagógicas que trazem a inovação tecnológica para o sistema educacional, mas, na realidade, o que se constata é o contrário, como ressalva Kenski (2013):

o avanço tecnológico não foi articulado com mudanças estruturais no processo de ensino, nas propostas curriculares e na formação dos professores universitários para a nova realidade educacional. Em muitos casos as IES iniciaram programas de capacitação para o uso dos equipamentos, mas as práticas pedagógicas permanecem as mesmas ou retrocederam (KENSKI, 2013, p. 70).

As ideias de Kenski (2013) possibilitam a reflexão sobre as condições do ensino nas universidades que preparam os profissionais para atuarem no mercado. De modo geral, o

processo de ensino não oferece condições favoráveis para os futuros professores levarem para as suas práticas um ensino inovador, sendo complexo cobrar desses profissionais metodologias diversificadas, se eles não foram preparados para utilizar recursos digitais que enriquecem o processo de ensino e aprendizagem. Os currículos, como exemplifica Kenski (2013), não correspondem ao esperado pela sociedade, não estão formando profissionais capacitados, sendo que a maioria precisa de cursos de formação para suprir essas carências.

As possibilidades de ensino se modificam quando há interação entre docentes e discentes. Para Kenski (2013), a interação ainda é difícil de acontecer nas universidades, sendo preciso que os laços entre professores e acadêmicos se expandam nos currículos dos cursos. Kenski (2013) indica que:

A formação de professores precisa se repensar em novos caminhos que garantam a todos a prática docente em novos rumos. Ao contrário do que muitos imaginavam, no atual momento da sociedade digital, a escola não desapareceu. Muitos menos ainda é a preocupação com a extinção da função do Professor. De maneira diversa, a escola como instituição social é o espaço privilegiado para a formação das pessoas em cidadãos e para a sistematização contextualizada dos saberes. Assim também o professor é o principal agente responsável pelo alcance e pela viabilização da missão da escola diante da sociedade. O que a escola e a ação dos professores necessitam é de revisão crítica e reorientação dos seus modos de ação (KENSKI, 2013, p. 86).

Todos os processos de transformação, citados por Kenski (2013), não acontecem momentaneamente, é preciso que tudo seja pensado e discutido. Os recursos midiáticos são instrumentos que modificaram as formas de ensinar, tudo é muito instantâneo nos novos espaços de discussões que oferecem metodologias diversificadas para os professores atuarem no processo de ensino com meios que busquem enriquecer as aulas e isso acaba trazendo metodologias que fazem toda diferença. É necessário que o sistema educacional crie alternativas que façam a diferença e discuta os currículos, assim como aponta Kenski (2013):

Há que se mudar a lógica de formação e a ação em todas as disciplinas dos currículos dos cursos de formação de professores. Só assim os futuros professores poderão construir posturas profissionais mais condizentes com a realidade atual de pleno uso da informática em todos os segmentos profissionais, sociais e pessoais (KENSKI, 2013, p. 96).

Quando Kenski (2013) postula o que é preciso fazer para mudar a situação da formação dos futuros professores já é um grande avanço para o sistema educacional, pois se inicia um processo de repensar os caminhos da educação atual. As tecnologias multiplicam as possibilidades que o professor pode usar em sala de aula. Todos os elementos citados favorecem o enriquecimento dos cursos de licenciatura, especialmente o uso das tecnologias na Língua Portuguesa, com contribuições que possibilitam tanto para o docente quanto para o discente a criação de métodos que diversificam os saberes por meio da interação e da criatividade.

As linguagens multimodais são novas práticas que as escolas devem trazer para as salas de aula na disciplina de Língua Portuguesa. O professor deve pensar em práticas pedagógicas que dialoguem com o universo dos alunos, pois:

As teorias da aprendizagem e as metodologias de ensino há muito tempo orientam a prática docente no sentido de que o ponto de partida da ação pedagógica é de “onde os alunos se encontram”. Partir do que eles conhecem, gostam e se entusiasmam para poder desenvolver com eles mudanças significativas que se configurem como “aprendizagens”. Vale então a pergunta: onde estão nossos alunos? O que sabem? Do que gostam? Como podemos partir da realidade deles para ajudá-los aprender mais? O que aprender? De que modo? (KENSKI, 2013, p. 96).

Todos os aspectos citados por Kenski (2013) são essenciais num ensino inovador que promove a interação entre professores e os alunos por meio de didáticas que permitem a colaboração autônoma dos estudantes. Eles são chamados a interagir com o professor com sugestões de metodologias que eles entendem ser necessárias para processos cognitivos desses discentes. Entende-se ser necessário esse tipo de interatividade que busque alternativas para que esses tipos de intervenção possam modificar a qualidade do ensino. As iniciativas são louváveis quando refletem e discutem medidas de longo alcance.

A era da informação trouxe novos recursos aos futuros professores como lousa digital, *Datashow*, vídeos, *Tablet*, mas se deve pensar que:

A necessidade, portanto não é de usar o meio para continuar fazendo o mesmo. É preciso mudar as práticas e os hábitos docentes e aprender a trabalhar pedagogicamente de forma dinâmica e desafiadora, com o apoio e a mediação de *Softwares*, programas especiais e ambientes virtuais. Em princípio, devemos compreender e nos apropriar das especificidades das inovações tecnológicas, adequando-as como inovações pedagógicas (KENSKI, 2013, p. 97).

Diante do exposto, constata-se que é fundamental que os professores em sala de aula tenham conhecimentos a respeito dos usos das tecnologias. O novo perfil do professor é aquele que sabe mediar o conhecimento, que busca mostrar para os alunos como chegar ao conhecimento pelas mais diversas opções. Ao aluno, cabe se apropriar das informações da melhor maneira cabível. Masetto (2013) destaca como deve ser essa mediação:

Propor que os alunos sempre comecem estudar um assunto com base em sua própria perspectiva, de suas experiências vitais, pessoas ou profissionais; utilizar os tempos de aula e fora dela para, com apoio das novas tecnologias, ajudar os estudantes a pensar sobre a informação e as ideias; ajudar e orientar o aluno a navegar no imenso oceano de informações disponíveis (MASETTO, 2013, p. 148).

Todas as informações são necessárias visto que os discentes estão sendo orientados a utilizar os meios necessários para obter conhecimentos valiosos para o ensino-aprendizado, é sempre louvável quando os docentes trazem iniciativa como essas e ajudam muito os estudantes sendo que é uma maneira de incentivá-los na busca do conhecimento.

É notório que os professores reconhecem que as tecnologias fazem toda a diferença no processo de aprendizagem, entretanto, de que maneira se dá o seu uso nas escolas? Qual a concepção que os professores estão utilizando? De ensino tradicional, para qual só o professor tem voz, ou de ensino interativo, em que aluno participa e ambos dialogam e interagem? Dessa forma, Masetto (2013) afirma:

o ensino através do uso de computadores pode ser realizado sob diferentes abordagens que situam-se e oscilam entre dois grandes pólos(...). Num dos pólos, tem-se controle do ensino pelo computador, o qual é previamente programado através de um *Software*, denominado instrução auxiliada por computador, que transmite informações ao aluno ou verifica o volume de conhecimentos adquiridos sobre determinado assunto. A abordagem adotada neste caso baseia-se em teorias educacionais comportamentalistas, onde o computador funciona com máquina de ensinar otimizada (...). O professor torna-se um mero espectador do processo de *Software* pelo aluno. No outro pólo, o controle do processo e do aluno que utiliza determinado *Software* para ensinar o computador a resolver um problema ou executar uma seqüência de ações (...) para produzir certos resultados ou efeitos (...) aqui a abordagem é a resolução de problemas e a construção de conhecimentos (...). O professor tem um importante papel como agente promotor do processo de aprendizagem do aluno, que constrói conhecimento num ambiente que o desafia e o motiva para a exploração, a reflexão, a

depuração de ideias e a descoberta de novos conceitos (MASETTO, 2013, p. 157).

Esses pontos contextualizados pelo autor são muito interessantes para a discussão que aborda a respeito de como os professores utilizam as TDICs em sala de aula. Ele classifica o ensino por meio do uso dos computadores em dois polos: o primeiro polo seria aquele em que o professor só participa e os alunos são meros receptores de informação e o uso das tecnologias prevalece no ensino técnico. No segundo polo, o professor está para mediar o conhecimento, os alunos têm toda liberdade de interagir com os professores, os discentes participam das aulas, sugerem atividades para serem trabalhadas e o principal objetivo dessa concepção é inovar e dinamizar a aprendizagem.

Ainda existem muitas pessoas que não têm acesso à *internet*, isso mostra que as oportunidades não são iguais para todos. Os sujeitos que são excluídos digitalmente podem ser contemplados pelas atividades desenvolvidas por escolas que pensam na questão das tecnologias, assim como se destaca no exemplo:

A parceria da escola com a comunidade intensificou-se com o projeto de Inclusão Digital, no qual os alunos monitores são orientadores de seus pais nos primeiros contatos com as TIC, cujo uso está voltado ao trabalho com as problemáticas do cotidiano, em consonância com as ideias de Paulo Freire sobre alfabetização transportadas para o mundo digital, cuja problemática faz emergir novos temas, tais como: o domínio do controle remoto da TV, o acesso aos caixas eletrônicos de bancos para recebimento de proventos, etc. Marly Almeida aponta como resultados do projeto a participação mais efetiva dos pais na escola, sua colaboração em diversas atividades e mudanças nas relações entre pais e filhos: “Estes pais agora fazem parte do cenário escolar junto aos filhos e é comum serem vistos junto aos estudantes nas dependências da escola, como se fossem um deles” (ALMEIDA, 2015, p. 43).

Exemplos dessa magnitude possibilitam pensar que a escola pode transformar a realidade de cada comunidade. Isso nos mostra que sua função como instituição escolar está sendo cumprida, levando cultura, informação, e os alunos estão participando dos acontecimentos de uma maneira crítica e reflexiva. Constatam-se as possibilidades que um projeto desse nível pode trazer para as vidas desses alunos e os saberes que estão sendo explorados em uma perspectiva interacionista.

O que estamos vivendo hoje é uma transformação nos modos de circulação do saber e as facilidades que as tecnologias oferecem são enormes. Será que as pessoas conhecem

realmente as tecnologias e reconhecem que elas podem contribuir para sua formação cultural? A maioria das pessoas não sabe o potencial dessas ferramentas que podem modificar o processo de aprendizado de modo dinâmico e interativo. Por essas carências de informação, a universidade e a escola têm que suprimir esse papel de formar pessoas que dominam as tecnologias, tornando-se letrados digitais, ou seja, sujeitos capazes de utilizar as diferentes linguagens nas mais variadas situações. Entretanto, essa prática ainda tem uma longevidade que precisa ser acelerada, os passos ainda são lentos para implantar o uso das tecnologias:

O professor deve conhecer os diferentes gêneros para integrá-los de forma criativa no âmbito escolar. A integração não significa abandonar as velhas práticas; ao contrário, é necessário que se estabeleça um diálogo entre as novas e as práticas já existentes (RIBEIRO, 2012, p. 48).

Os docentes de Língua Portuguesa devem conhecer os tipos de conhecimentos digitais que os alunos usam e, assim, aplicar atividades e oficinas que os abordam. Nessa perspectiva, a língua será trabalhada em sua função social de ensino, contemplando atividades que privilegiam os aspectos do cotidiano do aluno, com isso, eles vão ter atenção e aprenderão a usar os gêneros digitais para as mais diversificadas funções sociais da língua, para a pesquisa escolar, enviar *e-mail*, pesquisar em portal de notícias e redes sociais.

Sobre os aspectos discutidos em relação à importância da formação dos futuros professores para utilizar as tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa, há várias questões que precisam ser implementadas nos cursos de licenciaturas como: a reformulação dos currículos dos cursos, o cuidado com as disciplinas e com as metodologias de ensino trabalhadas. Sendo assim, diante do contexto atual das tecnologias, a pergunta que fica é: a universidade vem permitindo formar professores que saibam usar as tecnologias em suas práticas?

### **3 Metodologia**

Para a análise do modo como as tecnologias estão presentes no curso de Letras, de uma universidade pública, de um estado da região Norte do Brasil, foi elaborado e aplicado um questionário de nove perguntas, apresentadas no decorrer da análise, a 22 alunos do sétimo e oitavo anos do curso de Letras, por serem acadêmicos concluintes.

O questionário apresenta-se dividido em duas partes. Na primeira, constituída de três questões objetivas, averigua-se a relação do aluno com os gêneros acadêmicos, verificando quais são mais lidos e produzidos durante todo o curso de Letras. Além disso, procuramos conhecer quais são as tecnologias que os alunos utilizam em sala de aula e como esses recursos são utilizados no processo de aprendizagem dos professores em formação. A seleção dos gêneros que compõem essas três questões se deu com base na própria experiência de uma das autoras, como aluna de graduação, considerando, então, os gêneros escritos mais esperados, tanto para a leitura quanto para a produção.

A segunda parte é composta por quatro questões discursivas que buscam verificar: se os alunos veem alguma relação entre o que escrevem na universidade e fora dela; se as tecnologias mudaram suas práticas acadêmicas e como foi feita esta mudança; de que maneira as tecnologias auxiliaram nos estágios supervisionados; se os futuros professores em formação veem validade no uso das tecnologias para o ensino de Língua Portuguesa.

Após a aplicação do questionário, foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa das respostas dadas por esses estudantes, enfatizando: (a) as atividades e as tecnologias empregadas no curso de Letras; (b) as tecnologias usadas pelos acadêmicos e suas contribuições para a sua formação.

#### **4 Análise dos dados**

Por meio do levantamento das respostas dos acadêmicos, foi possível organizar a análise dos dados, segundo os eixos explicitados anteriormente: (a) e (b). Destacam-se, na sequência, as constatações a respeito dos dados e a análise, relacionando-os aos fundamentos teóricos.

##### **4.1 Atividades e tecnologias empregadas no curso de Letras**

Em relação às atividades de leitura e/ou escrita mais frequentes no curso de Letras, verificou-se que 53% dos alunos realizam leitura (17 alunos), 25% realizam apresentações orais – seminários (8 alunos), 13% destacam as provas (4 alunos), 6% (outros) realizam leitura extra e texto literário (2 alunos) e 3% não responderam (1 aluno).

Percebe-se que as atividades mais frequentes no curso de Letras são leitura e seminários. Esses dados dialogam com os resultados das pesquisas de Fuza, Fiad e Gomes (2015), que analisaram as práticas de letramento acadêmico no curso de Letras, assim como, com a pesquisa de Silva (2016), que analisou os gêneros e acadêmicos na formação do professor e do pesquisador em Geografia – tanto em Letras quanto em Geografia são abordadas as mesmas atividades acadêmicas independentemente do curso.

O gênero seminário pode ser caracterizado como um gênero secundário (BAKHTIN, 2003), prevalecendo o domínio da oralidade, visto que nas universidades esse gênero acadêmico é corriqueiro e está presente desde o momento em que o discente entra na universidade até a sua saída. Esse gênero se completa, juntamente com a leitura, pois os alunos são levados a entender o conteúdo que será explanado nas apresentações, exigindo que tenham uma preparação. O seminário tem função social de mediar o conhecimento entre professores e colegas. Além disso, o trabalho com a oralidade é necessário em uma sociedade que exige expressão de opiniões e a universidade tem essa função de politizar aqueles que ainda estão despolitizados, preparando cidadãos críticos com pensamentos diferenciados.

Quanto aos gêneros mais lidos, há o texto literário, com 35% das respostas (21 alunos); o artigo, com 21% (13 alunos); o resumo, com 10% (6 alunos); a resenha, com 8% (5 alunos), 7% “outros”, sendo que o aluno não especificou; o fichamento, com 5% (3 alunos); vídeos ilustrativos de conteúdos, com 5% (3 alunos); o relatório, com 3% (2 alunos); o projeto, com 3% (2 alunos); trabalhos genéricos (sem especificar o gênero), com 3% (2 alunos).

Os acadêmicos destacaram os textos literários como os mais lidos durante o curso. Eles têm o primeiro contato com a literatura, no primeiro período, com a disciplina “Texto Narrativo”, dentre outras, assim como está expresso no Projeto Pedagógico do curso de Letras (PPC). O número de disciplinas vai sendo ampliado e os alunos têm disciplinas literárias em todos os períodos como disciplinas obrigatórias e/ou eletivas. O número expressivo de textos literários lidos se dá em função da própria configuração do curso que aborda aspectos linguísticos e literários da língua portuguesa.

Diante do exposto, os gêneros mais lidos foram textos literários, artigos, resumos, resenhas e os menos lidos relatórios, fichamentos e trabalhos genéricos (sem especificar gênero). Há, assim, um contato considerável dos estudantes com uma heterogeneidade de gêneros que podem ou não estar em ambiente virtual.

Os gêneros mais escritos pelos acadêmicos são: a resenha, com 26% (18 alunos); os relatórios, com 19% (13 alunos); os resumos, com 14% (10 alunos); os artigos, com 13% (9 alunos), os textos literários, com 8% (6 alunos); o fichamento, com 6% (4 alunos); os documentos oficiais, com 3% (2 alunos); os projetos, com 3% (2 alunos); “outros” que contempla: gráficos, vídeos ilustrativos e matérias didáticos, com 4% (3 alunos); o relato não pontuou.

Em diálogo com os trabalhos de Fuza, Fiad e Gomes (2014) e Silva (2016), constata-se que os gêneros mais produzidos foram resumos, resenhas e relatórios. Miranda (2016), a partir do levantamento de gêneros presentes no curso de licenciatura em Letras da Unicamp entre 2003 e 2013, verificou a incorporação gradativa das tecnologias nas ações do curso, havendo o predomínio “daquelas já bastante tradicionais do ponto de vista acadêmico-científico e pautadas no impresso, como produção de monografias, projetos, relatórios e resenhas, realização de provas e apresentação de seminários” (MIRANDA, 2016, p. 212).

A produção de resenhas, de relatórios e do resumo faz com que os acadêmicos demonstrem sua voz por meio da escrita, atuando como alguém que opina sobre os acontecimentos da sociedade visto que o curso de Letras visa formar profissionais que dominam as mais diversificadas práticas de escrita, leitura e oralidade. Dos 22 alunos que responderam o questionário, 13% deles já produziram artigo. Alguns relataram, em conversa informal, que escrevem artigo porque participam de Projeto de Iniciação Científica, sendo preciso produzi-los para apresentar em congresso. Atualmente, outro instrumento, que vem possibilitando o aumento da escrita de artigos no curso de Letras, é a revista acadêmica, do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), do câmpus no qual o curso está alocado.

Por meio dos dados da pesquisa, constata-se que os alunos leem mais textos literários e produzem mais resenhas. Esse resultado pode ser justificado, pois, em função das leituras que são realizadas, muitos professores solicitam a resenha como uma forma de verificar o que foi aprendido, demarcando uma forma de avaliação.

Por meio da análise dos dados, verificou-se que os acadêmicos não mencionaram a questão do digital quando perguntados sobre as atividades e os textos mais lidos e produzidos por eles. Esses dados começam a surgir apenas nas questões em que são levados a pensar sobre o assunto, a partir da questão 4. A maioria dos recursos tecnológicos utilizada pelos acadêmicos é: o *Datashow*, com 25% (21 alunos), em seguida, os *slides*, com 24% (20

alunos), o computador, com 21% (18 alunos), a *internet*, com 13% (11 alunos), os vídeos, com 12% (10 alunos), a televisão, com 4% (3 alunos) e o rádio, com 1% (1 aluno).

A maioria dos acadêmicos utiliza o *Datashow*, os *slides* e os computadores visto que são ferramentas que facilitam a exposição dos conteúdos e auxiliam os acadêmicos na hora de explicar as apresentações. Na questão 1, os acadêmicos apontaram o seminário como uma das atividades principais realizadas na academia e isso dialoga com a utilização dos recursos digitais. As multimídias são ferramentas que possibilitam formas diversificadas de interação entre o aluno e o professor, aluno e aluno, facilitando a exposição de ideias e de conteúdos, visando tornar o ensino dinâmico. Em pesquisa em um curso de Letras, Fiad e Miranda (2014, p. 43) constataram que “o trabalho com o digital nas aulas solicitado pelos professores restringe-se, segundo 100% das respostas deles, a apresentações de seminários em slides ou ao envio de trabalhos pela internet aos professores”.

A utilização dos vídeos pelos acadêmicos pode ser vista como diferencial a mais nas apresentações, dinamizando-as. Além disso, eles podem ser utilizados como meio de adquirir conhecimento, por meio de pesquisa prévia em casa, por exemplo. A *internet* dinamiza o processo de aprendizagem; na hora de pesquisar e adquirir conhecimento, muitos acadêmicos a utilizam para essas funções pedagógicas.

Cada vez menos, usam-se o rádio e a televisão em sala de aula. Talvez em razão desses instrumentos estarem presentes nos celulares, sendo assistidos por meio da *internet*. Logo, parece não ser preciso o uso do aparelho de TV ou de rádio em sala. Muitos acreditam que somente a utilização do *Datashow* em sala de aula já indique avanço em relação às práticas tradicionais de ensino. No entanto, as tecnologias não se resumem só à utilização do *Datashow*, é um processo que se dá por vários instrumentos que possibilitam dialogar com outras ferramentas. Desse modo, segundo Costa *et al* (2012, p. 43), o emprego de ferramentas digitais como estratégia de ensino é “fazer um uso efetivo do potencial transformador das tecnologias digitais [percebendo] o aluno como agente ativo no processo de aprendizagem [refletindo] sobre o próprio processo de aprendizagem”.

Os argumentos destacados mostram que o uso das tecnologias não se resume em limitar os seus usos, visto que é processo transformador e isso deve ser levado a fundo nas práticas pedagógicas de aprendizagem. Percebe-se que é uma visão ainda errônea pensar que o ensino “evoluiu” na universidade ou nas escolas porque há o uso do *Power-Point*, por

exemplo, pois muitas aulas continuam tradicionais mesmo utilizando-o. São necessárias outras práticas, além do simples uso das ferramentas.

De acordo com PPC de Letras, a grade curricular oferece somente uma disciplina que trata das tecnologias: “Tópicos em Estudos Textuais: hipertextos, gêneros e linguagem”. Por ser eletiva, os alunos podem optar em fazer ou não. Talvez por se tratar de um assunto ainda novo na academia, as tecnologias acabam não sendo enfocadas nas disciplinas e nem no PPC do curso. Em pesquisas de obras sobre o assunto na biblioteca da instituição, houve dificuldades em encontrá-las, já que há poucos livros que falam sobre ensino e formação de professores, utilizando as tecnologias.

A disciplina “Tópicos em Estudos Textuais: hipertextos, gêneros e linguagem” discute as tecnologias para serem usadas em sala de aula, na perspectiva interacionista, por vários meios que chamam atenção dos alunos para o processo de aprendizado, usando as redes sociais nas aulas de LP. Rezende (2015), em pesquisa sobre o letramento digital, constatou que o curso de Letras da Universidade de Londrina não está formando futuros professores capacitados para atuar utilizando as TIC em sala de aula, visto que os currículos não estão implantando disciplinas sobre o letramento digital “a apreciação do PPP diagnosticou que não há no curso disciplina específica de letramento digital” (REZENDE, 2015, p. 160).

Grande parte das escolas tem um aparato tecnológico disponível para ser utilizado em sala de aula, como *Datashow*, computadores, lousa digital, o problema não está nos recursos que são oferecidos para serem trabalhados, mas na qualificação dos profissionais que os utilizarão. A maioria não sabe utilizar as tecnologias no processo pedagógico visto que não foram preparados desde a graduação para isso. O uso de tecnologias é um processo contínuo que precisa de toda preparação para ser colocado em prática: “constatou-se que [...] muitos docentes não possuem fluência tecnológica, seja no sentido de não saberem lidar com o computador e internet” (CAIADO; GOMES, 2013, p. 11). É preciso que os currículos repensem as novas formas de ensinar através dos recursos midiáticos: “aponta-se então a necessidade de que o docente, desde o início de sua formação esteja em contato direto com as tecnologias” (NOGUEIRA; OLIVEIRA; SOUZA, 2013, p. 4).

Na leitura do PPC do curso, na categoria “Competências, atitudes e habilidades”, exige-se que o graduando tenha habilidade para utilizar as tecnologias. Contudo, com base na ementa das disciplinas, percebe-se que a temática do uso das tecnologias não é discutida, o que possibilita pensar que os acadêmicos não estão sendo preparados para atuar, utilizando-as.

Esse dado dialoga com os resultados da pesquisa de Gadotti (2015, p. 11): “Apesar do número de gêneros discursivos/textuais apresentados nos planos de ensino ser relativamente grande, poucos deles se referem ao uso das novas tecnologias”.

De acordo com Kenski (2015), há necessidade de os cursos de licenciatura trabalhem as tecnologias no processo pedagógico de ensino, buscando alternativas que façam despertar o interesse dos discentes nas salas de aula, a fim de que eles adquiram conhecimentos por meio de um ensino interativo que dialoga com outros meios: “Há que se mudar a lógica de formação e a ação em todas as disciplinas dos currículos dos cursos de formação de professores” (KENSKI, 2013, p. 96).

A questão 5 solicitava: “*Dos recursos que você marcou na questão anterior, como eles são utilizados?*”. Por meio da análise dos dados, foram identificadas três funções para os recursos digitais: (1) para apresentação de trabalho e exposição; (2) como recurso de apoio à pesquisa; (3) como recurso para ministrar aula.

Catorze alunos indicaram que utilizam *Datashow*, *Slides* e computadores como recursos para apresentação e exposição de trabalhos, conforme se pode observar nos exemplos abaixo:

<b>A5</b>	Utilizamos o computador e o <i>Datashow</i> e o <i>Slide</i> para apresentar os trabalhos.
<b>A3</b>	Nas apresentações de trabalhos para auxiliar de conteúdos.
<b>A11</b>	Os recursos digitais são facilitadores tanto na montagem do trabalho quanto na apresentação na sala de aula. Costumo usar o computador para pesquisar e montar <i>Slides</i> e apresentar através do <i>Datashow</i> .
<b>A21</b>	São usados como uma forma de explicação de trabalhos para facilitar a exposição do trabalho.

Os alunos enfatizam que o uso das multimídias facilita a exposição para apresentar trabalhos, sendo que as tecnologias dinamizam e auxiliam os acadêmicos, como relata A21: “são usados como uma forma de explicação de trabalho para facilitar a exposição”, visto que estamos num espaço acadêmico onde o professor cobra que os alunos tragam para suas apresentações dinamismo e chama a atenção dos alunos que assistem.

Por meio dos dados, constatamos que os alunos utilizam a internet para pesquisar os mais variados conteúdos, solucionar dúvidas etc. Há infinitas possibilidades que o aluno pode usufruir para obter o conhecimento através de *links*, textos, vídeos. Dos alunos entrevistados, três deles afirmaram utilizar a *internet* para pesquisar destacam-se os argumentos:

<b>A6</b>	A internet para pesquisar os temas propostos quanto os <i>Slides</i> .
<b>A7</b>	Os recursos são utilizados como material de apoio para explicação do conteúdo assim como apresentações de trabalhos.
<b>A9</b>	Os recursos digitais são usados em quase todos os trabalhos sejam eles digitados ou não. O aluno não houve apenas o professor em sala de aula, ele chega em casa e vai estudar com o auxílio da internet.

A resposta de A9 chama atenção em razão de o aluno procurar outros meios de obter o conhecimento, não só o conhecimento que o professor passa, mas expandir o aprendizado fora da universidade. Esse perfil de aluno comprometido, que busca o conhecimento, fará diferença para a sua vida, os meios de adquirir conhecimento estão disponíveis para todos, basta só procurá-los. O fato de o aluno ter consciência do uso da *internet*, além da sala de aula, demonstra a utilização social desse recurso em sua vida, evidenciando-se, de certo modo, como um sujeito letrado digitalmente, pois sabe empregar a utilização dos meios em contextos sociais diversos. Levar os sujeitos a compreender o uso do digital como forma de atuar socialmente é de fundamental importância para o processo de aprendizagem, pois “ser letrado digitalmente é praticar as tecnologias digitais, respondendo ativa e criticamente aos seus diferentes propósitos, em diferentes contextos” (RIBEIRO, 2012, p. 43).

O aluno (A19) destacou o uso das tecnologias como recurso para ministrar aulas. Segundo ele, os professores utilizam o computador, *Datashow*: “Alguns dos professores do câmpus utilizam o meio marcado acima para ministrar sua aula para que essa aula seja uma aula diferente”.

O domínio das tecnologias não se restringe a usar *Datashow*, é necessário que o professor tenha consciência de que esse uso deve contemplar a sua metodologia de trabalho, visando levar para a sala de aula propostas diferenciadas para além da universidade. Só a exposição de *Slides* não ajuda a ter uma aula interativa, visto que a repetição pode acabar se tornando uma estratégia repetitiva e o propósito das tecnologias é inovar as metodologias, a fim de contribuir para o processo de aprendizados dos estudantes.

Em suma, quanto às atividades e tecnologias, empregadas no curso de Letras, há: (i) a leitura e os seminários como atividades mais frequentes; (ii) o texto mais lido é o literário; o gênero mais escrito é a resenha; (iii) o recurso digital mais utilizado é o *Datashow*; (iv) três funções para os recursos digitais: (1) para apresentação de trabalho e exposição; (2) como recurso de apoio à pesquisa; (3) como recurso para ministrar aula.

## 4.2 Tecnologias usadas pelos acadêmicos e suas contribuições para a formação

Quanto à questão 6: “*Você vê alguma relação entre o que você escreve na universidade com as práticas de leitura e de escrita que têm fora da academia?*”, nove alunos percebem a relação com as práticas de escrita e leitura que realizam dentro e fora da universidade, por meio de textos de teóricos. A seguir, destacam-se algumas ocorrências dos alunos:

<b>A13</b>	Muitos dos teóricos apresentados nas disciplinas têm pesquisas na área pedagógica, influenciando de forma direta na leitura e escrita interdisciplinar.
<b>A19</b>	Algumas leituras feitas na universidade servem de base para a vida lá fora.
<b>A20</b>	Devemos escrever textos com coerência e coesão. Devemos praticar a leitura sempre, e ler todos os gêneros para adquirimos cada vez mais conhecimentos.

Através dos textos teóricos, os alunos conseguem perceber que essas leituras podem contribuir para seu processo de aprendizado enquanto formadores de opinião; eles irão se basear nesses estudiosos para levarem para a sua formação, enquanto professor e cidadão. A19 relata: “algumas leituras feitas na universidade servem de base para vida lá fora”. Os teóricos nos ajudam compreender as funcionalidades da língua e usar a escrita, a leitura para as mais variadas funções sociais.

A10 relatou que vê relação entre o que escreve na universidade com a sala de aula: “nas práticas em sala de aula, pois atuo como professora”. O professor tem que colocar em prática tudo que aprendeu com as leituras dos teóricos. Essa bagagem faz toda a diferença quando o docente já atua em sala de aula para sua formação como profissional.

Onze acadêmicos relatam que não veem relação entre o que escrevem na universidade com as práticas de leitura que têm fora da academia. Alguns destacaram o que se exige de um profissional de Letras: o domínio da gramática, sendo que o curso não é voltado para a gramática; alguns criticaram o uso das práticas de leitura e escrita dentro das universidades. Seguem as respostas de alguns dos acadêmicos:

<b>A4</b>	O que exigem de nós fora da universidade é mais a gramática e o foco do curso não é gramática.
<b>A8</b>	O curso foca mais na literatura e as escolas trabalham mais gramática.
<b>A9</b>	Gosto muito de ler romance e na universidade temos que ler literatura romântica. Algumas coisas eu consigo assimilar, olha eu vi isso na universidade.

No momento de lecionar, segundo os alunos, as escolas exigem o domínio da gramática, pois cabe ao sujeito dominar a língua padrão. Todavia, esse tipo de formação na universidade não ocorre de forma sistemática, assim como muitos alunos esperavam, ao ingressar no curso e acabam se decepcionando.

Há várias críticas sobre a escrita na universidade e muitos acreditam que é uma leitura da elite, não é para todos:

<b>A17</b>	Fora da academia não tenho leituras acadêmicas além das solicitadas nas disciplinas e nem escrevo textos acadêmicos ou formais.
<b>A21</b>	Não muita, pois fora da universidade estas práticas mostram-se muito fragmentadas.
<b>A22</b>	As leituras que são realizadas dentro da universidade não passam de leituras de elite.
<b>A5</b>	Difícilmente o que vivenciarmos na faculdade é colocado em prática fora da academia, existe muita ilusão e fantasia entre os conteúdos passados na faculdade e o que fazemos na sala de aula.

Todos os aspectos citados pelos acadêmicos parecem evidenciar a necessidade de reestruturação do curso, buscando-se alternativas para que o ensino avance, contribuindo para a formação dos futuros professores, pois o conhecimento não fica só na universidade.

A questão 7: “As tecnologias mudaram suas práticas acadêmicas? Como?” busca refletir sobre as funcionalidades das tecnologias no processo de aprendizagem. Vinte alunos afirmaram que as tecnologias mudaram suas práticas acadêmicas no momento de fazer os trabalhos acadêmicos, na hora de se comunicar com outros colegas, para solucionar dúvidas. Três alunos, por sua vez, disseram que as tecnologias não mudaram suas práticas acadêmicas. Uma aluna relatou que estuda através dos livros, outro acadêmico respondeu que já utilizava as tecnologias antes e um aluno criticou a maneira que as tecnologias são empregadas e ensinadas na universidade. Seguem os apontamentos dos alunos:

<b>A2</b>	Porque a tecnologia facilita apresentação e leva o aluno a uma melhor compreensão.
<b>A3</b>	Facilita a elaboração de trabalhos e tem uma maior fonte de referências na confecção de seus trabalhos.
<b>A7</b>	Um pouco, pois já utilizava antes, mais antes, mas o uso das tecnologias foi aperfeiçoado a medida em que foi necessário como apresentações acadêmicas.
<b>A10</b>	Facilitando as pesquisas e metodologias ao me preparar para as apresentações.
<b>A16</b>	Sempre utilizei slides mas, de certo modos eles facilitam as apresentações.

De acordo com os dados, as tecnologias possibilitaram inovação na hora de expor trabalho, utilizando os recursos midiáticos, pois chamam atenção das pessoas sendo que esse

meio oferece interação e dinamismo, é visível que a *internet* possibilita aos alunos diversidade de textos, que faz dialogar, pesquisar e produzir os mais variados textos sobre os acontecimentos político, econômico e social, como cita A2.

O dinamismo da *internet* mudou as práticas dos acadêmicos, as funcionalidades desse uso já são práticas presente nos ambientes acadêmicos, como criação dos grupos no *Whatsapp*, que facilita a interação entre professor e aluno, a troca de *e-mail* de mensagens também é uma prática presente. Essas práticas, que são utilizadas também no contexto universitário e não só no cotidiano, são apontadas por alguns alunos que veem a relação do seu emprego com as práticas de ensino e de aprendizagem:

<b>A1</b>	Porque hoje para marcar e fazer um trabalho em grupos não é necessário juntar todos os componentes. Hoje, faz-se um grupo no <i>Whatsapp</i> .
<b>A11</b>	Mudaram através das tecnologias descobri um mundo de possibilidades, também somos capazes de nos comunicar mais usando as redes sociais dessa forma, conhecer e aprender mais.

Os meios de comunicação foram alterados e, com as redes sociais, hoje, podemos estudar através da *internet* sem precisar sair de casa, como revela A1. Esses espaços proporcionam interatividade entre professor e alunos: “Podemos aprender estando juntos em lugares distantes, sem precisarmos estar sempre juntos numa sala para que isso aconteça” (MORAN, 2004, p. 348).

Esta pesquisa dialoga, por meio das respostas das “A1, A11”, com as ideias de Kenski (2013), de que as tecnologias provocam novas formas de comunicação entre professor e alunos, por meio dos mais diversos meios tecnológicos, como *e-mail* e *Whatsapp*. Dessa forma, os alunos têm mais auxílio com o professor para tirar dúvidas, dialogar, interagir e refletir, “Vivenciam e incorporam novas formas de ensinar e aprender mediadas por tecnologias de colaboração e interação” (KENSKI, 2013, p. 80).

Três acadêmicos responderam que as tecnologias não mudaram suas práticas acadêmicas, cada um desses estudantes citou um motivo específico. Seguem as respostas dos alunos:

<b>A5</b>	Acredito que na minha situação atual de acadêmicas posso dizer que não vi muito diferença, há sim um certo avanço com o uso da <i>internet</i> , mas prefiro a assimilação dos livros.
<b>A17</b>	Pois eu já as utilizava fora da academia.

<b>A22</b>	Já que apenas exigem que usamos mas não ensinam como usar.
------------	--

A resposta de A5 mostra que cada aluno tem uma forma de estudar, visto que os livros também enriquecem o processo de aprendizagem dos discentes, assim como as tecnologias é uma das formas de estudar, ambos se completam. As mudanças são necessárias para melhorar o ensino visto que o livro já está disponível em formato digital e o acesso digital acaba facilitando a vida do leitor que não tem condição de comprar livros.

Através da resposta A22, constata-se o que vem sendo discutido no decorrer deste trabalho: há uma cobrança para que os professores, já em exercício, implantem as tecnologias em suas aulas, mas se constata que os futuros professores não estão sendo preparados na universidade para utilizar as tecnologias em sala de aula.

A questão 8: “*Como a tecnologia auxiliou no trabalho de preparo de suas atividades como estagiário e na aplicação das regências?*” discute se a tecnologia auxiliou os acadêmicos na hora das regências. Para eles, as tecnologias auxiliaram na hora de pesquisar conteúdo, recursos multimídias como: *Datashow*, vídeos, imagem e *slides*:

<b>A1</b>	As tecnologias têm ajudado de forma bem proveitosa, para fazer pesquisar grandes em qualquer site.
<b>A17</b>	Foi essencial para pesquisar, para planejamento para guardar dados e na utilização de slides em algumas regências.
<b>A10</b>	Na exposição de conteúdos, nas pesquisas e elaboração das aulas.

É nítido que as tecnologias ajudaram muito os alunos no momento de pesquisar os conteúdos que foram trabalhados em sala de aula, visto que os caminhos são muitos na hora de escolher a melhor metodologia de ensino sendo que o planejamento deve ser pensado por meio da perspectiva interacionista: “os recursos tecnológicos da era digital proporcionam uma mudança positiva na elaboração de conteúdos” (SANTOS, 2013, p. 31).

As multimídias são ferramentas indispensáveis que os acadêmicos usam para trabalhar em sala de aula. Quando os estagiários chegam com um *Datashow* e projetam imagens e conteúdos, isso acaba despertando atenção dos alunos para o processo de aprendizagem por meio de imagem, vídeos, *Slides*. Os acadêmicos destacaram os benefícios do uso das tecnologias nas regências:

<b>A11</b>	As tecnologias nos proporcionam meios para levar para a escola obras literárias; através do
------------	---

	<i>Datashow</i> , filmes, poesias, músicas, imagens todos estes recursos somos capazes de trabalhar nas turmas com muita facilidade, recursos tecnológicos.
<b>A14</b>	Com a utilização das tecnologias elaborei aulas <i>Slides</i> no <i>Datashow</i> com textos e imagens: o que chama bastante a atenção dos alunos, com estas ferramentas é possível prender a atenção dos alunos e conseguir a participação de todos.
<b>A15</b>	100% colaborou muito, pois em tudo dependia do uso da tecnologia seja o uso de um vídeo de uma música ou até mesmo pesquisar um conteúdo para o estágio.
<b>A 16</b>	Nas minhas regências utilizei <i>Slides</i> e vídeos, o que gerou interesse nos alunos e conseqüentemente participação dos mesmos.

As tecnologias transformaram a maneira de dar aula, um ensino que dialoga com diferentes suportes tecnológicos, vídeos, imagens. Esses recursos acabam despertando o interesse de aprender, então, é necessário que o professor use a Língua Portuguesa para as mais variadas funções, buscando trazer um ensino que interage com as tecnologias a fim de que o aluno aprenda por métodos alternativos que façam diferença no processo de aprendizagem. Tem-se, então, um ensino colaborativo e autônomo, o professor deve sempre refletir sobre as suas práticas que são colocadas em uso no plano de aula.

Na Questão 9: “*Você vê validade no uso das tecnologias para o ensino de Língua Portuguesa? Justifique?*”, a maioria dos acadêmicos acredita que as tecnologias podem auxiliar no ensino de LP, o professor tem uma ferramenta que pode diversificar as aulas de LP, utilizando não só o livro didático, mas metodologias que dialogam com os alunos. O conhecimento parte não só do professor, mas também através do vídeo, *internet*, *Tablets*, celular. Seguem algumas ocorrências:

<b>A7</b>	Pois além de despertar o interesse dos alunos com a possibilidade de mostrar imagens, vídeos e <i>Slides</i> , o material ainda atrai a atenção dos alunos. Dessa maneira, pode-se passar filmes, músicas, fotos melhorando assim o aprendizado.
<b>A8</b>	Muita validade, pois através das tecnologias elaboramos atividades diferenciadas que despertam a curiosidade e interesse dos alunos.
<b>A15</b>	Depende muito de como essa tecnologia seja usada pelo professor, e se o professor prepara com foco para algo, senão, só vale para ocupar o tempo da aula.
<b>A9</b>	Primeiramente as aulas que são ministradas com o auxílio da tecnologia, são aulas produtivas, pois não são monótonas, o professor pode levar vídeos, músicas, <i>Slides</i> com imagens, levar os alunos para a sala de informática, dando iniciação a pesquisa, onde o aluno se torna um pesquisador. o uso das tecnologias para o ensino de língua portuguesa são bem vindos.
<b>A19</b>	Pois a tecnologia ajuda muito a desenvolver uma aula de qualidade.

Por meio das falas, percebe-se que os professores em formação têm conhecimento do uso das tecnologias no processo didático, visto que eles consideram o ensino como um processo contínuo que precisa de toda preparação, desde a pesquisa do conteúdo,

planejamentos das aulas até na escola na hora dos professores usarem os recursos tecnológicos. Acredita-se que já se tem um avanço quando esses futuros professores reconhecem que as tecnologias podem, sim, influenciar a metodologia dada em sala de aula.

### **Considerações finais**

Este trabalho teve como objetivo analisar como as tecnologias estão presentes no curso de Letras. Quanto às tecnologias, empregadas no curso de Letras pelos professores das disciplinas, verificou-se que os professores usam *Datashow*, *Slides*, computadores para apresentar trabalhos, restringindo o conhecimento das tecnologias ao domínio de instrumentos, como o computador. No PPC do curso, exige-se que o graduando tenha a habilidade com a tecnologia, mas constatamos que esse uso não está sendo contemplado na grade curricular do curso que oferta apenas “Tópicos em Estudos Textuais: hipertextos, gêneros e linguagem”, restringindo a possibilidade de formação do acadêmico em relação àquilo que é digital.

As tecnologias mais utilizadas pelos professores em formação no dia a dia da universidade são *Datashow*, *Slides*, computadores, *internet* e vídeos. As atividades mais frequentes do curso de Letras são leitura e seminário visto que os estudantes estão numa academia e estão sendo preparados para utilizar as variadas funções sociais da língua. Já os textos mais lidos pelos estudantes foram textos literários, artigos, resumos, resenhas, em função da própria configuração do curso que aborda aspectos linguísticos e literários da língua portuguesa. Os gêneros mais escritos foram resenhas, relatórios, resumo e artigo, não havendo um enfoque no âmbito digital na realização dessas atividades.

Os professores em formação utilizam os equipamentos tecnológicos como *Datashow*, *slides* e computadores para apresentar trabalhos, como recurso de apoio para pesquisar e para ministrar aulas visto que esses meios tecnológicos dinamizam as aulas, chamando atenção dos alunos. O seminário é um gênero corriqueiro na vida dos estudantes, desde a entrada e a saída do discente.

Assim como em Rezende (2015), os resultados deste estudo apontam a necessidade de novas práticas no interior do curso de Letras que tratem dos usos das tecnologias, possibilitando o letramento do professor em formação para atuar na era digital.

## Referências

ALMEIDA, M. E. B. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. BRASIL. MEC. *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. 2004. Brasília: Ministério Disponível em: <[portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2015.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAIADO, R. GOMES, A.M. Concepções e experiências dos professores de língua portuguesa sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação. UNICAMP. UFPE. *Hipertextus revista digital*. v. 10. 2013. Disponível em: <http://www.hipertextus.net>

COSTA, F. A.; RODRIGUES, C.; CRUZ, E., F.S. *Repensar as TIC na educação o professor como agente transformador*. Santillana. 2012.

FIAD, R. S.; MIRANDA, F. D. S. S. Letramentos digitais e acadêmicos em contexto universitário: investigando práticas letradas de um curso de Letras de uma universidade pública. *Revista Colineares*, n. 1, v.1, p. 31-50, jan/jun, 2014.

FUZA, A. F.; GOMES, L. N.; FIAD, R. S. Letramento de acadêmicos do curso de Letras: apropriação de gêneros e implicações para a formação do professor. *Revista Interfaces*, v. 6, n. 1, 2015. Disponível em: <[http://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces](http://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces)>. Acesso em: 10 mar 2016.

GADOTTI, J.; HEINIG, O. L. O. M. *Gêneros discursivos na esfera acadêmica*. 2015. Disponível em: <<http://www.tecnoevento.com.br/nel/anais/artigos/art44.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2015.

KENSKI, V. M. *Tecnologia e tempo docente*. SP: Papirus. 2013.

MASETTO, M. T. *Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. novas tecnologias e mediação pedagógica*. SP: Papirus. 2013.

MIRANDA, F. D. S. S. *Letramentos (en)formados por relações dialógicas na universidade: (res)significações e refrações com tecnologias digitais*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2016.

MORAN, J. M. A contribuição das tecnologias Para uma educação inovadora. *Contrapontos* - volume 4 - n. 2 - p. 347-356 - Itajaí, maio/ago. 2004. Artigo 8 – p.65.

NOGUEIRA, L. K.C.; OLIVEIRA, C. M. B.; OLIVEIRA, S. S.; SOUZA, A. O. J. Formação de professores e tecnologias da informação e comunicação – TIC's: uma relação necessária para o uso de recursos tecnológicos na educação. ESUD 2013 – X congresso brasileiro de ensino superior a distância. Belém/PA, 11 – 13 de junho de 2013 – UNIREDE

REGINATTO, A. A. Blogs: uma proposta de trabalho para as aulas de Língua Portuguesa. V Siget. Simpósio de estudo de gêneros textual:o ensino em foco. Rio Grande do Sul. 2009.

REZENDE, M. V. *Formação inicial de professores de Língua Portuguesa para a era digital*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em estudos da linguagem. Universidade Estadual de Londrina. 2015.

RIBEIRO, M. H. *Práticas de letramento digital na formação de professores: um desafio contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

SANTOS, A. A. *O Professor de Língua Portuguesa na era digital*. Centro Universitário de Brasília – Uniceub Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES curso de Letras Português/Inglês.2013.

SILVA, K. G. *Gêneros e letramento acadêmicos na formação do professor e do pesquisador em Geografia*. Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ângela Francine Fuza. UFT/ Campus de Porto Nacional - Curso de Letras; 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e respectivas literaturas).

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

XAVIER, A. C. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. *Calidoscópico* Vol. 9, n. 1, p. 3-14, jan/abr 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/748/149>